

# Índice

<i>Índice</i>	3
<i>Prólogo</i>	4
<i>Introdução</i>	7
<i>Arte visigótica na Península Ibérica:</i>	8
<i>Localização</i>	10
<b>A Cidade de Lamego:</b>	10
<b>A localidade de Balsemão:</b>	10
<i>O culto de São Pedro:</i>	12
<i>A Capela de S. Pedro de Balsemão</i>	13
<b>O Interior:</b>	13
<b>O Exterior:</b>	16
<i>Paralelos da capela de Balsemão</i>	18
<b>Formais:</b>	18
Em território português	18
Em território espanhol	19
<b>Decorativos:</b>	19
Em território português	20
Em território espanhol	20
<i>Conclusão</i>	22
<i>Anexos</i>	25
<b>A Arte Sacra desta Capela:</b>	26
<b>O Bispo D. Afonso Pires:</b>	27
O túmulo de D. Afonso Pires	29
<b>A família Pinto:</b>	32

## **Agradecimentos:**

Gostaria de agradecer:

Ao IPPAAR, pela possibilidade de realizar este trabalho; às funcionárias do posto de turismo de Lamego, pela simpatia; às funcionárias da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, pelo excelente atendimento; ao Sr. Constantino e ao Sr. António pelas preciosas indicações; à D. Joaquina Gonçalinho, pela sua hospitalidade e paciência; ao Carlos Monteiro, pela disponibilidade; à GSXF (...); e, como não poderia deixar de ser, à D. Maria dos Prazeres: sem a sua boa vontade este trabalho não seria possível!!

## Prólogo

No início era apenas um trabalho.

Como tantos outros... imposto, incontornável, trabalhoso, cansativo, enfadonho!

Pensei um pouco: o que escolher? Onde escolher? “Quando” escolher? Confesso que, quando fui consultar algumas obras procurando um monumento medieval em Lamego (por me sentir de alguma forma ligada àquela cidade), não sabia muito bem o que iria encontrar. Pensei na igreja de Almacave mas logo deparei com algo, na minha opinião, muito mais interessante: uma capela pequena e simples, mas com tanto para explorar, situada nos arredores daquela cidade. Estava decidido, o mais difícil já tinha solução. Sentindo-me francamente incomodada com a minha ignorância em relação à existência daquele pequeno templo, prontamente disponibilizei algum tempo para me dirigir a diversas bibliotecas a fim de indagar sobre a sua história. Foi com espanto que me apercebi da verdadeira antiguidade e importância do monumento, já estudado e devidamente documentado. Não posso esconder que me senti igualmente desapontada com a quantidade de informação que obtive, precisamente por ser imensa. Bom, talvez não fosse “imensa”, mas proporcionalmente ao pequeno templo, era sem dúvida muito mais vasta do que aquilo que eu estava à espera. Contudo, não desanimei e, apesar de não apresentar nenhum facto revelador ou deveras revolucionário acerca da capela, considero que foi realmente uma boa opção, quanto mais não seja, pelo prazer e realização pessoal que me proporcionou a concretização deste trabalho.

Quando enfim me dirigi ao local, verifiquei que, afinal, não era um trabalho: era um monumento singular, incomparável, inimitável, apaixonante!

A sua beleza entrevê-se na singeleza das suas feições, na simplicidade, no facto de ali estar há tantos séculos completamente insuspeito por aqueles que não dedicam as suas vidas ao estudo de monumentos ou testemunhos do passado, pela maioria das pessoas, mesmo aquelas que dizem conhecer a sua terra como “a palma das suas mãos”. Para muitos não será desconhecida, mas é vista apenas como uma capela... apenas uma capela! Não é, de modo algum, “apenas”: tem um sentido histórico e cultural tão profundo... tem um sentido! No entanto, a realidade é mesmo essa: uma capela, pequena, simples, velhinha, muito velhinha, denotando o peso de muitos séculos e profundas alterações, físicas e de mentalidade, da população que a rodeia e rodeou durante todo esse tempo. Mas ela lá está: a capela de Balsemão, situada num local privilegiado, com uma magnífica vista sobre o rio do mesmo nome. Poderá dizer-se que o monumento constitui o centro daquela pequena povoação que, de tempos a tempos, se vê invadida por gente que “ouviu falar”, que “ouviu dizer”, que “leu algures”, que “viu em algum lado”... que de alguma forma se apercebeu que a localidade afinal tinha algo de muito importante, algo que podia oferecer a um

visitante interessado, algo de seu, só seu, que não poderá nunca ser visto sem o seu enquadramento e sem a sua gente, que permitiu a sua preservação e protecção em tempos mais difíceis, em tempos passados em que quase ficaram sem a sua preciosa capelinha em favor de um proprietário mais egoísta e sem qualquer sentido histórico ou comunitário, mas adiante...

Fiquei realmente mais animada depois de reparar que, ao contrário do que poderá parecer à primeira vista, aquele lugar não é tão inóspito assim. O caminho, ainda que bastante agreste, o qual contribui para conceder à povoação o seu carácter, a sua indisfarçável antiguidade, é percorrido por mais pessoas do que julgaria possível. Na sua maioria estudiosos claro, estudantes ou licenciados em História, História da Arte ou Arqueologia; depois, alguns entusiastas dessas matérias; muitos estrangeiros, pois a Câmara Municipal e a junta de turismo reúnem esforços para divulgar a existência de tão importante monumento; algumas daquelas pessoas que “ouviram dizer”; e por último, pasme-se!, as pessoas da terra, que só aparecem de vez em quando, para rezar um terço ou dar a conhecer a “tal capela”, “aquela igreja”, “aquela que dizem que é muito antiga!”, “aquela que fica ali ao pé do rio”, aos amigos de fora ou entes queridos que estiverem de visita. De um modo geral, a afluência de pessoas àquele local é verdadeiramente insuspeitável para quem ouviu falar naquele “caminho para carros de bois”, ou numa estrada (?) “muito má”... Enfim, costuma dizer-se que o que tem de ser, tem de ser, e o pequeno caminho até nem foi tão “mau” assim, apenas um pouco estreito, um pouco esburacado, um pouco empoeirado, um pouco de tudo menos de alcatrão... Facto é que a visão da capelinha ao virar do monte é tão encantadora que logo nos faz esquecer a viagem, e é sempre bom encontrar num lugar desconhecido, completamente diferente daquilo a que uma pessoa de Lisboa está habituada, alguém simpático, que nos faz sentir à vontade para admirar todos os pormenores do lugar. Assim aconteceu e aquelas horas passaram a voar. Muitas mais teria ficado se tempo tivesse, para admirar a antiguidade documentada naquelas paredes, naquelas lápides... em toda a essência daquele local.

# Introdução

Situada na região do Douro, nos arredores da cidade de Lamego, a Capela de São Pedro de Balsemão é um magnífico exemplo da arte visigótica em Portugal.

Diversos elementos apontam para uma cronologia que se insere num período de dominação daquele povo Godo, embora muitos outros, aliados ao facto desta capela ter sofrido sucessivas e, por vezes, desastrosas, reconstruções, possam sugerir uma erecção bem mais recente, já dos finais da Idade Média.

Todos estes elementos serão postos em evidência ao longo do presente trabalho, de forma clara e concisa, numa tentativa de atingir conclusões plausíveis e concretas. Não será de todo fácil separar aqueles elementos que se apresentam bastante arcaicos daqueles que, não o sendo, o parecem. Não é também, de modo algum, simples, apontar uma cronologia para este monumento sem qualquer intervenção arqueológica que diferencie o que foi realmente e o que se supõe ter sido. As suposições são, efectivamente, muitas. Escavações não houve. No entanto, com os dados que estão presentemente ao dispôr de qualquer interessado, nomeadamente os estudos de pessoas bem conceituadas no mundo da História de Arte e da Arqueologia, é possível adiantar uma possível datação (bastante provável, diga-se), bem como através dos dados existentes e disponíveis no local, tudo aquilo que restou e sobreviveu ao longo dos tempos da pequena capela.

# Arte visigótica na Península Ibérica:

Por alturas do final do Império romano já o cristianismo era relativamente bem aceite no seio das comunidades peninsulares, facto que se verifica na construção de monumentos cristãos a partir dessa época, por volta do século III<sup>1</sup>. Efectivamente, no seu final, o Império romano já havia sido cristianizado, sendo a sua influência inegável no que diz respeito aos hábitos e crenças das populações que habitavam a Península Ibérica. Assim sendo, tornou-se inevitável o florescimento deste novo movimento religioso, que, nos seus primórdios era praticado em casas particulares e, um pouco mais tarde, em edifícios que haviam servido para cultos de natureza pagã, desta forma reutilizados<sup>2</sup>. Esta reutilização verificou-se não só a respeito de locais de culto mas também em edifícios civis, como sejam os povoados de origem pré-romana reocupados nesta época<sup>3</sup>.

Neste ambiente, em que o cristianismo principiava a sua introdução na vida quotidiana de cada vez mais populações, surgem na Península, cerca do século V<sup>4</sup>, povos que tinham igualmente crenças cristãs e que aqui se instalaram, não por motivos religiosos, mas sim políticos e económicos, se assim se pode dizer. Falo de Alanos, Vândalos e Suevos e, entre eles, os Visigodos. Estes povos vieram gerar um clima de insegurança e guerras constantes, que por sua vez proporcionou um enfraquecimento do poder construtivo e número de edifícios erigidos, bem como uma suspensão na tradição artística, daí que pouco conhecimento se tenha acerca das construções, religiosos ou civis, desta época, e que se importassem elementos construtivos de tempos anteriores. Mas a construção visigótica não foi completamente nula. A par daqueles elementos construtivos herdados de uma tradição tardo-romana, paleo-cristã, germânica, bizantina e autóctone, e reaproveitados por estes povos, encontramos outros, por eles introduzidos, como sejam os elementos decorativos com formas geométricas correspondentes a cruces, círculos concêntricos ou secantes, cordões, etc. Os motivos são em geral geométricos e mais esquemáticos do que os utilizados anteriormente. De facto, os povos godos não tinham uma grande tradição de arquitectura, mas desenvolveram muito a arte móvel: os adornos, armas, objectos metálicos...

Dois séculos depois da introdução destes povos na Península, com a unificação (política, jurídica e religiosa) desta sob a sua alçada, mais

---

<sup>1</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *Arte da Alta Idade Média*, 1986, p. 150.

<sup>2</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, cit. n.º 1, p. 152.

<sup>3</sup> Manuel Luís Real, *Inovação e resistência: dados recentes sobre a antiguidade cristã no Ocidente peninsular*, 1992, p. 1.

<sup>4</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, cit. n.º 1, p. 153.

precisamente em 409, a arquitectura entra num processo de desenvolvimento que seria mais tarde interrompido pela invasão árabe, em 711, denotando-se uma perda da influência do cristianismo no Oriente, devido à acção dos povos árabes, já desde o século V. Assim sendo, no século V, renasce na Península Ibérica uma tradição cuidada e de valiosa precisão técnica que leva à erecção de edifícios religiosos de grande qualidade e que, por isso, previveram até aos nossos dias. Estas igrejas são frequentemente de planta basilical com três naves, que alterna com a planta em cruz latina ou o simples salão, de paredes constituídas por silhares de pedra da região e ornamentadas com arcos de ferradura e motivos diversos<sup>5</sup>, geralmente com cabeceiras rectangulares. Os silhares constituem aparelhos irregulares, reforçados nos ângulos, onde haveria maior precaução. De um modo geral, os edifícios visigóticos não possuem janelas nem clerestório, mas sim pequenas frestas de iluminação. O espaço é compartimentado e na sua divisão são utilizados arcos, aplicados em arcadas e portas. São exemplo destes edifícios as igrejas de São Frutuoso de Montélios (Braga), de São Gião (Nazaré), de Vera Cruz de Marmelar (Vidigueira) e a própria igreja de São Pedro de Balsemão, no que diz respeito ao território actualmente português, e as igrejas de San Pedro de la Nave, San Juan de Baños, Santa Cristina de Leña e Santa Comba de Bande, na actual Espanha. Mas foi precisamente no século VII que esta arte visigótica teve o seu apogeu, bastante encurtado pela iminência da imposição de uma nova cultura e uma nova religião: a dos povos árabes, mas que atravessou um período de verdadeiro “florescimento”<sup>6</sup> na data referida. Mérida e Toledo, cidade feita capital dos Godos, seriam os centros da arte arquitectónica e escultórica dos povos cristãos.

O aparecimento da já referida religião muçulmana, defendida pelos povos árabes, não terá sido pretexto para o abandono de muitos dos locais de culto cristãos, até porque estes povos tinham como característica a tolerância religiosa. A questão é que este facto não implica a continuação da tradição visigótica que estava ainda na sua fase de florescimento. Na realidade, tal acontecimento não se realizou e, por esta altura (dominação árabe) a tradição visigótica ficou perdida em alguns templos e construções antigas que, pelas suas características de extrema firmeza e solidez resistiram até aos nossos dias. As populações moçárabes, ou seja, populações com ideologias cristãs que viviam sob domínio árabe, terão continuado a ocupação de locais de culto erigidos sob domínio visigótico, entre eles a capela de Balsemão, que continuaria activa durante este período<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *cit. n.º 1*, p. 165.

<sup>6</sup> Manuel Luís Real, *cit. n.º 3*, p. 2.

<sup>7</sup> Manuel Luís Real, *cit. n.º 3*, p. 3.

## Localização

### *A Cidade de Lamego:*

Pertence ao distrito de Viseu, é sede de concelho, comarca e diocese. De fundação visigoda, tomada pelos povos vindos do Norte de África no século VIII, foi conquistada aos muçulmanos em 1057, sendo sede de diocese já desde 570. Está situada na região agrícola do Alto-Douro, a mais de 400 mts de altitude, e dispõe de variados recursos naturais, facto que lhe conferiu as honras de local apreciado pelas populações humanas: produz vinho, cereais, batata, fruta e carnes<sup>8</sup>.

A região da actual cidade de Lamego, com vestígios de ter sido habitada em épocas proto-históricas<sup>9</sup>, seria já apreciada no período romano<sup>10</sup>, mas na época visigótica foi certamente muito importante, apesar da comunidade cristã não ser muito numerosa e estar dispersa pelos territórios circundantes, trabalhando os campos e as vinhas que, seguramente, existiriam já. O rei visigodo Sisebuto ali cunhou moeda durante o seu reinado e em 570 já Lamego tinha dignidade episcopal. Ainda que pouco numerosa, a comunidade cristã seria certamente forte, pois o culto permaneceu activo mesmo enquanto o local estava sob a dominação muçulmana, contando também com a tolerância religiosa desta gente. Entre a conquista do povo muçulmano e a reconquista cristã, a localidade de Balsemão não terá sido abandonada e muito menos a sua capela, caso contrário não estaria ainda hoje conservada.

### *A localidade de Balsemão:*

A Capela que foi alvo deste estudo localiza-se numa pequena povoação, de seu nome Balsemão, pertencente à freguesia de Sande, a 6 kms de Lamego<sup>11</sup>. É um local pacato e acolhedor, situado na margem direita do rio homónimo, que apresenta um caudal reduzido nesse ponto, mas bastante bonito, alargando-se um pouco mais à frente, quando se junta ao rio Varosa, formando quase um pequeno lago, verdadeiramente deslumbrante. Na elevação fronteira àquela em que se situa a capela, está situada a cidade de Lamego, embrenhada numa paisagem de vinhas, pomares, encostas abruptas e rios serpenteantes. É neste cenário que encontramos a capela de S. Pedro de Balsemão. O topónimo terá

---

<sup>8</sup> “*Moderna Enciclopédia Universal*”, dir. Manuel Alves de Oliveira, 1984, tomo XI, P. 211.

<sup>9</sup> Dionísio Santana, “*Guia de Portugal*”, 1968, p. 638.

<sup>10</sup> Note-se que existiria uma via romana secundária, marginada de marcos miliários, para a passagem das tropas e correios, que passava na zona, nomeadamente no local das actuais povoações de Balsemão, Melcões, Comba e Castro Daire. M. Gonçalves da Costa, “*História do Bispado e Cidade de Lamego*”, vol. I, 1977.

<sup>11</sup> Correia de Azevedo, “*Património Artístico da Região Duriense*”, 1972, p. 96.



tido origem em *Lamianus* ou *Samanus*, nome de proveniência romana, que, através do acrescento do prefixo *bar*, que significa rio, veio a dar *Balsamanus*, evoluindo durante o tempo até chegar à forma actual<sup>12</sup>. Efectivamente, o antropónimo *Samalus* (ou *Camalus*) encontra-se documentado numa inscrição romana embutida na parede exterior da capela de S. Pedro: “CATUR NEPOS EX CAMAL. NA H. S. S. S. V. T. L.” verifica-se a existência do nome *Caturus Camalus*, provavel fundador da vila rústica à qual se deu o seu nome e que terá sido a primeira construção notável do local da actual povoação de Balsemão<sup>13</sup>. *Balsamanus* viria a ser uma das seis paróquias suevas designada por *Camianus*<sup>14</sup> no arrolamento de Teodemiro.

A povoação é bastante reduzida em número de fogos, em relação ao que é hoje considerado um elevado número populacional. No entanto, nas inquirições de D. Afonso III, podemos constatar que o local se encontrava muito povoado no século XIII: “O Rei mantinha ali o senhorio de três fogueiras e três casais granjeados por homens da terra por direito hereditário, satisfazendo o foro da quarta parte do pão, linho e legumes; ao mordomo dava cada casal um corazil, uma teiga de trigo pela medida do celeiro e um quarteiro de castanhas piladas”<sup>15</sup>. A Sé era senhora de uma vinha ao lado do caminho para a ponte de Covelas, e o Bispo de uma herdade onde morava João Fernandes, que foi um dos interrogados pelos inquiridores. A igreja, como sufragânea, pagava os dízimos à catedral. A cerca de 3,2 km da cidade, Balsemão terá sido um importante centro religioso durante a ocupação muçulmana de Lamego.

Nesta localidade, marcada por casa modestas, sobressai a capela e o solar dos Pintos, Viscondes de Balsemão (do século XVII), constituído por duas alas e incluindo a capela como uma terceira. No século XV, recebia o deado 100 réis pelas visitas ao pequeno templo<sup>16</sup>.

Há notícias de comunidades religiosas cristãs pré-nacionais em Tarouca, Salzedas, S. Pedro das Águias, Aguiar, Tarouquela, Cárquere, Souselo, Escamarão, Paiva, Barrão, Balsemão e Cambres, entre outras<sup>17</sup>. Daí que não seja difícil imaginar o porquê de uma construção religiosa tão arcaica nesta localidade. Alguns séculos mais tarde, Balsemão ter-se-ia tornado tão importante local religioso que havia até uma romaria à pequena capela<sup>18</sup>.

---

<sup>12</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10 .

<sup>13</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 50.

<sup>14</sup> Balizas visigóticas, p. 8.

<sup>15</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 51.

<sup>16</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10.

<sup>17</sup> M. Gonçalves da Costa, “*História do Bispado e Cidade de Lamego*”, vol. II.

<sup>18</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. 17.

## O culto de São Pedro:

A pequena Capela de Balsemão é dedicada a S. Pedro, o Apóstolo. O seu nome real era Simão, filho de Jonas ou João, pescador no lago de Genejaré. Fazia parte do círculo de discípulos de São João Baptista e foi chamado por Jesus para integrar o grupo dos seus seguidores. Viria a ser o “chefe” dos Apóstolos, seu representante, orador e porta-voz. Recebe o sobrenome de Pedro imposto por Cristo. Segundo consta sofreu o martírio em Roma, sob o reinado de Nero, sendo crucificado de cabeça para baixo. A ele são atribuídas duas Epístolas: uma carta de consolação e encorajamento às comunidades perseguidas do Norte e centro da Ásia Menor; e uma carta de advertência para reanimar a esperança no regresso do Senhor<sup>19</sup>. S. Pedro é por vezes representado nas imagens segurando as chaves do céu, detendo uma função de jurisdição e vigilância da entrada naquele local. Outras vezes segura um peixe, clara alusão à sua vida simples e ao milagre e crença de Cristo<sup>20</sup>.

Foi S. Pedro, juntamente com Paulo, André e João, quem primeiro teve honras de culto geral em toda a comunidade cristã, pois nem todos os Apóstolos foram objecto de culto nos primeiros séculos do cristianismo. Efectivamente, o culto de Pedro e Paulo remonta ao século IV, praticado no seu início ainda durante o Império Romano, junto do terceiro marco miliário da via Ápia, onde estaria localizado o seu sepulcro comum<sup>21</sup>.

No início, quando o cristianismo não era ainda bem aceite, o culto era praticado em casas particulares. Os lugares especialmente destinados à celebração da liturgia só viriam a aparecer algum tempo mais tarde, altura em que a religião cristã começou a generalizar-se. A estes lugares de culto podia dar-se uma denominação geográfica, relacionada com o seu fundador ou com circunstâncias especiais, mas muitas vezes era dado o nome dos mártires cujas relíquias guardavam, ou apenas dos santos que ali mais eram venerados<sup>22</sup>. Entre as mais importantes igrejas dedicadas a S. Pedro encontram-se a de San Pedro de la Nave, do século VII; e a de San Pedro de la Mata; figurando também entre as principais a de São Pedro de Balsemão<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> “Moderna Enciclopédia Universal”, cit. nº 3, tomo XIV, p. 247.

<sup>20</sup> George Ferguson, “Signs and Symbols in Cristian art”, 1966, p. 138.

<sup>21</sup> Carmen Garcia Rodriguez, “El Culto de los Santos en la España Romana y Visigoda”, 1966, p. 146.

<sup>22</sup> Carmen Garcia Rodriguez, cit. nº 21, p. 361.

<sup>23</sup> Carmen Garcia Rodriguez, cit. nº 21, p. 148.

# A Capela de S. Pedro de Balsemão

De tipo latino, rectangular<sup>24</sup>, apresenta três naves (sendo a central mais alta que as laterais) e capela-mor rectangular, separada daquelas por um arco de triunfo em forma de ferradura. O acesso é feito por degraus que levam a portas abertas nas naves laterais. Estas dividem-se da nave central através de três arcos cada uma, suportados por colunas com capitéis coríntios. No topo verifica-se a ausência de absidiolos mas encontram-se altares com retábulo. A capela está orientada Nascente-Poente, como era hábito desde há muito séculos, tratando-se de construções religiosas ou mortuárias.

## *O Interior:*

É o interior da capela que mais informações nos fornece a respeito do seu visigotismo, pois o exterior foi sendo assaltado por constantes e profundas alterações.

As três naves são divididas por arcarias com três arcos de volta inteira cada uma, os quais assentam sobre capitéis de tipo coríntio com decoração fitomórfica, que por sua vez repousam em colunas de fuste simples sem decoração, apontando para uma tradição pré-românica ou moçárabe. As colunas estão colocadas sobre bases toscanas, sendo a do meio do lado da Epístola de rolo. Estas arcarias são encimadas por um aparelho extremamente irregular composto por silhares de granito. Dois saiméis em cada arcaria lateral suportam os arcos. É curiosa a fraca adaptação dos capitéis às colunas, o que leva a crer que tenham sido reaproveitados, quicá de uma construção romana que existisse nas redondezas. Enquanto que os saimeis suportam o arco central e a ponta interior dos outros dois, impostas de rolo assentes sobre pilastras suportam a ponta exterior destes. Os arcos das extremidades teriam uma forma inicial em ferradura, que se entrevê pelos semi-arcos<sup>25</sup>. No que diz respeito aos capiteis, segundo D. Fernando de Almeida só quatro serão originais: os do lado da Epístola e os do arco do triunfo; os outros dois são cópias do século XVII<sup>26</sup>. Foram rudemente talhados, quer uns quer outros, com representações de folhas de acanto estilizadas e volutas em toda a volta, notando-se uma clara influência bizantina.

O arco triunfal é em ferradura, assente em colunas adossadas à parede que divide a capela-mor das naves. É composto por um número par de aduelas, o que lhe confere a característica de não ter fecho, que viria já do inícios da capela. Uma “nova” aduela, maior que as originais, foi introduzida no século XVII, de

---

<sup>24</sup> Pode dizer-se que a capela tem uma forma rectangular embora a largura em pouco exceda o comprimento: cerca de 1,23 m a mais apenas. José Pessanha, *Arquitectura Pré-românica em Portugal: São Pedro de Balsemão e São Pedro de Lourosa*, p. 12.

<sup>25</sup> D. Fernando de Almeida e Silva, *Arte Visigótica em Portugal*, 1962, p. 126.

<sup>26</sup> D. Fernando de Almeida e Silva, cit. n.º 25, p. 126.

forma a que o altar barroco que havia sido colocado na capela-mor pudesse ser observado com maior amplitude. O arco triunfal também assenta em saiméis e estes em impostas de rolo que encimam colunas com capiteis do mesmo tipo daqueles que se encontram nas divisões naves. Não se apoia portanto directamente sobre os capiteis, como todos os outros arcos do edifício, mas em saiméis, que acompanham as impostas em todo o seu comprimento, ao contrário dos outros arcos cujos saiméis são bastante mais curtos que as impostas. Este arco é ainda encimado por um outro que se encontra bem marcado no aparelho da parede que divide a capela-mor do corpo do edifício, sendo este nitidamente abatido, possivelmente ali colocado aquando da reconstrução que aumentou o arco triunfal<sup>27</sup>.

A obra do século XVII que terá destruído a porta principal e o possível alpendre, acrescentou ao interior da capela uma varanda ou tribuna, da qual os proprietários do solar e seus convidados poderiam assistir às cerimónias religiosas. Hoje em dia essa tribuna já não existe. Contudo, na mesma parede, existe outro aspecto digno de menção: a reutilização de fragmentos de fuste que foram aproveitados para a construção da parede, sendo nela incorporados.

O pavimento encontra-se em grande parte ocupado por sepulturas rasas. Nos espaços livres podem ser observadas faixas de cantaria que formam rectângulos preenchidos por um empedrado de seixos rolados, em tons de branco e azul, que compõem desenhos geométricos.

Quanto às coberturas, estas são actualmente de madeira pintada, com caixotões que dispõem de rosetas nos cruzamentos das molduras, possivelmente datando da reconstrução do século XVII. As naves laterais apresentam tectos normais de madeira escura envernizada, relativamente recentes, bem como o telhado, reparado há cerca de uma década. Também nesta altura foram reparados os caixotões e substituídas algumas das placas de madeira pintadas que se encontravam em estado lastimável, deixando aberturas no tecto por onde, segundo Maria dos Prazeres (encarregada da capela), “se podia ver o Sol a Lua”. Originalmente, é possível que as naves fossem abobadadas.

As decorações que conferem a este espaço interior um carácter visigótico encontram-se em grande parte sobre as impostas que apoiam os arcos. São constituídas por motivos geométricos diversos: estrelas de raios curvos, encadeados de SS, losangos e círculos concêntricos, rosetas sexifólias, espinhas, cordões circulares, dentes de serra, linhas quebradas formando “setas”, linhas dispostas paralelamente, ziguezagues... Existem ainda cruces, motivos florais, escudos, etc. Todos estes motivos demonstram uma clara herança proto-histórica e/ou micénica. Efectivamente, surgem motivos decorativos semelhantes em castros com ocupações proto-históricas.

Os principais elementos da ornamentação foram, desde sempre, a espiral, a cruz, o ziguezague, os entrelaçados, polígonos, epígrafes, elementos faunísticos e vegetais. A ornamentação é vista como uma saída do caos (a matéria vazia), uma ordenação do espaço vazio<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> D. Fernando de Almeida e Silva, cit. nº 25, p. 128.

<sup>28</sup> Juan-Eduardo Cirlot, “*A dictionary of symbols*”, 1971, p. 349.

O círculo, revertendo para o movimento circular, é emblema solar, símbolo da eternidade, do céu e da perfeição<sup>29</sup>.

A cruz simboliza a ponte ou escada pela qual as almas sobem até Deus. Estabelece uma relação entre dois mundos: o terrestre, ordem da terra, princípio horizontal; e o celeste, princípio espiritual e vertical. Por vezes a cruz aparece em forma de T, para realçar ainda mais a oposição dos princípios contrários unidos<sup>30</sup>.

A espiral é uma forma esquemática de representar a evolução do Universo, o seu crescimento ou o crescimento em geral. Pode simbolizar igualmente o centro, constituindo um dos temas mais apreciados e mais utilizados universalmente na ornamentação. Aparece em duas formas: simples e em crescimento em torno de um ponto<sup>31</sup>. Torna-se relevante aqui apresentar alguns dos possíveis simbolismos das formas encontradas nas decorações deste edifício, para uma melhor compreensão da sua utilização em contextos decorativos e religiosos, não só neste monumento mas também em muitos outros, bem como em diversos momentos da História do Homem e suas manifestações, sendo que, em alguns casos, os elementos decorativos provém já de tempos tão longínquos como a Pré e a Proto História. Assim sendo:

- simboliza o retorno, a direcção.
- constitui um dos mais antigos ideogramas, encontrado em grutas com ocupações pré e proto-históricas. Simboliza o crescimento, o renascimento.
- Com origens na Idade do Bronze, transformou-se no segundo símbolo, utilizado pela civilização egípcia e Maia para significar cidade, possivelmente também terra ou solo; aldeia, espacial e espiritualmente.
- É símbolo de paz, de relações pacíficas.
- Tem a ver com o aspecto receptivo do Homem, com a razão, consciência, espiritualidade.
- Com antecedentes na pré-história, simboliza geralmente o Sol ou a Lua, ou ambos; a boca e os olhos; a eternidade, a vida terrena, a existência; mas também o zero, o nada, a não-existência.
- Relaciona-se com o centro, o Sol ou tudo o que esteja ligado a ele.
- Simboliza o divino, o poderoso, o poder espiritual.

---

<sup>29</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit nº 28, p. 136. Símbolos na arte cristã, p. 153.

<sup>30</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit nº 28, p. 157.

<sup>31</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit nº 28, p. 201.

- É símbolo do melhor, do rei, do maior, mais poderoso.
- Remete para a rotação, o crescimento, o poder.
- Tem antecedentes na pré-história.
- Simboliza um local sagrado, relaciona-se com *Ishtar*, sinal da Idade do Bronze para “altar”.
- Relaciona-se com o renascimento, um novo começo; adoração a uma divindade cristã, símbolo cristão devido às persiguições.
- Símbolo de *Ishtar*, Deusa-Mãe, dos prazeres do sexo, do nascimento, da caça e guerra.
- É símbolo do nome sagrado, usado hoje em dia pelos clérigos maiores junto da sua assinatura.

Dois círculos cruzados representarão o céu e a terra, mas se forem dois semi-círculos em vez de círculos obtêm-se a trança e desta o entrelaçado. Espiral formando onda de cilindro hitita; o mesmo num vaso de Eskebjergaard<sup>32</sup>.

## *O Exterior:*

A forma inicial da capela foi certamente muito deturpada, sendo o exterior deveras diferente do que seria à data de fundação deste local de culto. A modificação mais relevante terá sido a obstrução da porta principal que seria do lado Poente. Efectivamente, a anexação da capela ao solar da família Pinto, proporcionou a destruição da fachado Oeste da mesma, onde existiria a porta principal. Sobre esta porta nada se sabe, presupõe-se que teria um arco semelhante ao arco do triunfo e existe uma prova documental de que seria precedida por um alpendre, embora a construção do solar tivesse destruído qualquer vestígio material. Lê-se num documento datado de 1430: “*Depois desto, vinte dias do dicto mês de Junho da Era ssobre dicta, no dicto logo de balsamã, no alpendere da Eigreja q esta no dicto logo, Estando hy lopo estevez, bacharel, pera fazer o q lhe he mandado...*”<sup>33</sup>; documento este que se apresenta bastante credível pois os alpendres, alpendradas, galilés e demais estruturas eram frequentes em igrejas deste tipo e época. Por cima do alpendre e da porta estaria concerteza uma janela, quiçá geminada com arco em ferradura, que permitisse a iluminação da nave central, a julgar pela generalidade das plantas de igrejas da mesma época. Poderia possivelmente existir também um campanário junto do alpendre. Outra

---

<sup>32</sup> D. Fernando de Almeida, cit. n° 25, p. 48.

<sup>33</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n° 24, p. 24.

possível alteração é apontada por José Pessanha e seria a destruição dos abidíolos (ou do prolongamento do transepto para Norte e para Sul), que presuntamente existiriam<sup>34</sup>.

O acesso actualmente faz-se através das portas laterais, fronteiras entre si, as quais são precedidas por duas escadarias, de oito degraus no lado Norte e quatro no lado Sul. A do lado Sul dá para um pátio, cercado em dois lados pelo solar e num terceiro pela capela, a ele anexada, e a do lado Norte dá para o terreno em volta da casa. As paredes são, de um modo geral, constituídas por blocos irregulares e toscos de granito, dispostos de forma pouco regular e sem grande preocupação estética. É reforçado nos vértices com blocos mais regulares e mais espessos que formam grandes e robustas pilastras, que assentam em socos altos, terminando em cimalha acentuada.

Na fachada Norte, a porta é encimada por três escudos e ladeada por mais um e uma epígrafe romana, igualmente incrustada na parede. Nela se lê : *"I. CLAUDIO CAESARE GERMA. PONTI. MAX. TRIBU. POTES. TRI N. P. E. CONS. TER. MAX. AUG."*, constituiu uma memória ao Imperador Cláudio Germano, consul pela terceira vez. O escudo da direita é o da família do Bispo D. Afonso Pires, à esquerda o do próprio D. Afonso. Existe também uma janela à esquerda da porta e no cimo um campanário de uma ventana. Completando a fachada, vê-se também a fachada Norte do solar, geminado com a capela, que apresenta duas janelas e uma porta, sem qualquer pormenor relevante. Ainda nesta vista, pode observar-se a janela Norte da capela-mor, semelhante às demais janelas do monumento.

Do lado Nascente, pode apenas observar-se na capela-mor uma parede de silhares mais ou menos regulares sem qualquer incrustação digna de reparo, encimada por embasamento e cornija. Por este prisma, é possível ver igualmente duas epígrafes na parede da nave lateral direita, uma romana, outra com caracteres ainda não decifrados. Na epígrafe romana pode ler-se: *"Celtius Maelonis hic situs est"*, ou seja, Celtio, filho de Melão, aqui jaz. Na parede da nave lateral esquerda está uma placa relativa à reedificação da capela no século XVII por Luís Pinto Coutinho.

A Sul, a fachada é semelhante à do lado Norte, com a porta ladeada por uma janela, que se repete neste lado da capela-mor.

Finalmente, o lado Poente é totalmente ocupado pelo solar, que apresenta mais uma porta e algumas janelas.

As janelas da capela que se podem observar actualmente são relativamente recentes e para mais, remodeladas já neste século, dando-lhes assim um cunho ainda mais actual. No entanto, existiriam concerteza frestas de iluminação, possivelmente no mesmo local em que hoje estão estas aberturas.

O telhado é de duas águas, remodelado já neste século, há cerca de três anos.

---

<sup>34</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. nº 24, p. 20.

# Paralelos da capela de Balsemão

## *Formais:*

Existem no território peninsular diversas construções que apresentam características formais idênticas às que encontramos na capela de Balsemão. Estes monumentos poderão ajudar a uma datação da pequena basílica e a sua compreensão poderá constituir uma base para a identificação dos cânones estilísticos mais representativos da época a que esta remonta.

## *Em território português*

No território actualmente português, encontramos alguns edifícios que pela sua planta e construção se poderão identificar com a capela de Balsemão. É o caso da igreja de São Gião (Nazaré), do século VII, que apresenta como elemento comuns com Balsemão o facto de ter sido construída com um aparelho bastante irregular e apresentar uma cabeceira recta. Também a igreja de São Frutuoso de Montélios (Braga) apresenta semelhanças com a capela de Balsemão: o facto de ter sido igualmente desprovida da sua porta principal para ser anexada a um outro edifício. São Torcato e algumas construções da cidade de Faro (!! ) apresentam elementos em comum com a pequena capela da Beira<sup>35</sup>.

No que diz respeito aos tectos, bastante interessantes por sinal, encontram-se paralelos muito próximos, cronológica e espacialmente, na Capela do Desterro, apresentando os seus tectos caixotões igualmente pintados com diversos motivos, que datam do século XVIII<sup>36</sup>.

O tipo de arco que se encontra nesta capela, em ferradura, foi largamente utilizado na época que se aponta para a sua construção. Encontra-se em portas, arcarias de igrejas, janelas e por vezes em abóbadas, tão comumente que não valerá a pena aqui referir os locais<sup>37</sup>.

Outro aspecto que será importante referir é o facto da capela de S. Pedro estar parcialmente adossada ao solar da família Pinto, que o mandou construir de modo a que a pequena basílica formasse a sua terceira ala, comunicando com ele através de uma tribuna que já não existe mas da qual se vêm vestígios. Casos semelhantes aparecem por todo o país, numa época de grande voga da construção e adaptação de paços senhoriais, sendo o Castelo de Leiria (com as devidas distâncias, claro) um bom exemplo de como se pode conjugar a zona de residência com o local de oração, através de um varandim que permite aos proprietários da habitação assistirem aos ofícios.

---

<sup>35</sup> A. Nobre de Gusmão, "Arte Visigoda em Portugal: exposição de fotografias e desenhos", 1955.

<sup>36</sup> Carlos de Passos, "Lamego en el arte portugues", lâmina III.

<sup>37</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. n.º 25, p. 80.



## *Em território espanhol*

No território da vizinha Espanha, a construção que mais se poderá identificar com São Pedro de Balsemão é sem dúvida o monumento de San Juan de Baños, fundado em 661, por Recesvindo. Contudo, há que salientar que existem tantas semelhanças como diferenças o que, em todo o caso, não poderá ser apontado como indicador de uma disparidade cultural ou temporal para os dois edifícios. Têm de semelhante o alpendre que existiria também em San Juan<sup>38</sup>; a planta quase quadrada dividida em três naves por meio de arcarias, assentes em colunas de fuste simples e capiteis coríntios; a ábside rectângular separada das naves por um arco em ferradura que assenta em impostas<sup>39</sup>. Diferem em diversos aspectos: San Juan de Baños apresenta ábside e transepto abobadados, enquanto que em Balsemão se observam simples tectos de madeira, o que não invalida que, inicialmente, também em São Pedro se tivessem construído abóbadas de cobertura. É de notar também o facto de Balsemão não ter transepto. Por outro lado, os arcos que separam as naves laterais da central têm em Balsemão a forma de volta perfeita, sendo em San Juan de ferradura. Igualmente se verificam diferenças quanto ao arco do triunfo que na igreja de Palência se apoia em pilares rectangulares e em Balsemão assenta sobre colunas<sup>40</sup>. De um modo geral, poderá dizer-se que os elementos em comum são deveras mais importantes do que aqueles em que diferem as duas igrejas, facto que terá levado diversos estudiosos a considerar a capela de Balsemão como parte do grupo de San Juan de Baños.

Matilde López Serrano, aponta paralelos com Sevilha e Mérida, no que diz respeito ao estreitamento do arco triunfal, às paredes que avançam sobre a nave central e às impostas que terminam em modilhões<sup>41</sup>. Para além destes, existem também testemunhos visigóticos em Córdova, que se poderão relacionar com a pequena capela da nossa Beira<sup>42</sup>.

## *Decorativos:*

As decorações que se apresentam nas impostas e paredes da capela de São Pedro constituem certamente um importante elemento de datação e enquadramento deste monumento. Os motivos que nos são apresentados, pelas

---

<sup>38</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 21.

<sup>39</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 22.

<sup>40</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. n.º 25, p. 129.

<sup>41</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. n.º 10, p. 600.

<sup>42</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 22.

suas qualidades físicas e representativas, são um documento crucial na sua atribuição cronológico-cultural. Deste modo, torna-se incontornável a sua comparação com outros motivos decorativos encontrados em edifícios peninsulares.

### *Em território português*

Já foi referido anteriormente, no capítulo relativo à cidade de Lamego, que a região havia sido já ocupada em tempos proto-históricos. Desta época conservam-se vestígios de citânias ou castros, que nos revelam motivos decorativos muito semelhantes àqueles que constam da capela de Balsemão. Efectivamente, em pedras esculpidas provenientes das citânias de Briteiros, Âncora Cendufe e Sabroso, é possível identificar diversas decorações: linhas oblíquas que formam cordas ou espinhas, losangos inscritos dentro de outros, círculos concêntricos<sup>43</sup>, cruces, espirais associadas formando uma espécie de ondas<sup>44</sup>... Deste modo, a arte castreja tem sido proposta como a fonte de inspiração dos motivos ornamentais visigóticos, relacionados com a sobrevivência e transposição dessa arte de uma época para outra. A preocupação de preencher todo o espaço com desenhos geométricos era uma das suas características, aqui demonstrada abundantemente<sup>45</sup>.

Motivos semelhantes encontram-se também em Tarouquela, Sernancelhe, na Ermida do Paiva<sup>46</sup> e até em Idanha-a-Velha<sup>47</sup>.

Também a igreja de São Frutuoso de Montélios apresenta semelhanças decorativas com a capela de Balsemão: motivos geométricos e vegetalistas idênticos, apresentados sobre as impostas, de feição coríntia, tal como os capiteis, toscos e rudes. Esta igreja apresenta também um friso em todo o exterior e igualmente no interior, constituído por uma sequência de linhas oblíquas formando uma corda. Uma outra semelhança entre os dois monumentos, que terá, em parte, a ver com as decorações neles encontradas, é o facto de se pensar que no local onde ambos estão implantados existiriam construções religiosas romanas, das quais foram aproveitados alguns elementos.

### *Em território espanhol*

Espanha é igualmente rica em monumentos com decorações do tipo das apresentadas em Balsemão. Um dos edifícios onde se poderão identificar com maior facilidade será certamente San Pedro de la Nave (Zamora), onde se

---

<sup>43</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p.40.

<sup>44</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p. 41.

<sup>45</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p. 127.

<sup>46</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 602: Igrejas do século XII, de origem augustiniana.

<sup>47</sup> A. Nobre de Gusmão, cit. nº 35, p. 11-13.

observam em impostas<sup>48</sup> espinhas, dentes de serra, losangos gregos, cordões circulares<sup>49</sup>, mas também San Salvador de Valdediós, San Julian de los Prados e San Salvador de Priesca, com impostas semelhantes<sup>50</sup>; Córdova; Santa Comba de Bande (Orense) e Santa Cristina de Leña (Astúrias)<sup>51</sup>, onde se verificam estrelas de raios curvos, losangos encadeados, círculos concêntricos, espinhas, rosetas sexifólias<sup>52</sup>, cruzes de braços curvos<sup>53</sup>, modilhões de rolo nas impostas<sup>54</sup>; San Juan de Baños (Palência), com motivos geométricos e vegetalistas<sup>55</sup>...

---

<sup>48</sup> José Manuel Navia, "*Arte Visigodo, Asturiano y Mozárabe*", 1979, diapositivo nº 7.

<sup>49</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 600. San Pedro de la Nave conta também com a presença de arcos em ferradura semelhantes aos de Balsemão. José Manuel Navia, cit. nº 48, diapositivo nº 9.

<sup>50</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. nº 24, p. 15.

<sup>51</sup> Santa Cristina de Leña apresenta uma cancela decorada com este tipo de motivos geométricos. José Manuel Navia, cit. nº 48, diapositivo nº 54.

<sup>52</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. nº 24, p. 16.

<sup>53</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p. 128.

<sup>54</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 600.

<sup>55</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. nº 24, p. 22.

## Conclusão

Se exceptuarmos a basílica de Balsemão, as moedas de Sisebuto (este rei cunhou moeda e Lamego apresentando um vulto estilizado rodeado das palavras “*Pius lameco*”), talvez algumas cruzes e a toponímia, os visigodos e luso suevos não deixaram praticamente sinais da sua presença na região, nem sequer epígrafes funerárias, o que para alguns é sinal da fraca ocupação destes povos. Séc XII – cruz romana bizantina da igreja de Vila Nova de Paiva e crucifixo em metal sobre cruz de madeira, em Numão, da escola de Limoges. Séc XIII – imagens de São Pedro e S. Paulo guardadas no museu de Lamego, cruz de latão, também no museu, proveniente de Leomil, a Senhora da Ajuda, no Vilar, o báculo da Ermida do Paiva, com Cristo em magestade a abençoar, hoje no museu de arte antiga, e outro Cristo em magestade no cruzeiro de pedra do cemitério de Leomil, com a imagem da Virgem no verso. Séc XIII ou XIV – crucifixo em madeira da Granja Nova e cruzes florenciadas processionais das Arnas, de Quintela da Lapa, Santa Marinha de Nespereira, de Sanfins do Paço, da matriz do castelo, outra actualmente no museu lamecense, e Senhor Crucificado da Granja Nova<sup>56</sup>.

Para Matilde López Serrano, a tipologia tanto para a arquitectura como para a pintura é própria dos monumentos do século VII<sup>57</sup>.

Virgílio Correia chamou ainda a atenção para os cordões circulares das impostas, os losangos gregos em s deitado, as espinhas e dentes de serra, elementos esses que se encontram na proto-história, na decadência romana, no paleo-cristão, no visigótico, e se repetem nos monumentos moçárabes de Espanha

Pelos mesmos motivos, Helmut Schlunk, mais recentemente, fez recuar a sua construção para os fins do séc VI, caindo assim em plena época martiniana, historicamente mais plausível.

Joaquim de Vasconcelos hesitava em fixar para Balsemão a data correspondente ao seu estilo, ao seu carácter latino visigótico, lembrando que se haveria imitado, no século X, um tipo arcaico, do século VIII ou IX<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> Gonçalves Costa.

<sup>57</sup> Gonçalves Costa, p. 600.

A capela é conhecida pelo menos desde 1881, ano em que ali foram pela primeira vez o Dr. Augusto Filipe Simões, acompanhado de Alfredo de Andrade e o Sr. Joaquim de Vasconcelos. Em 1908, depois da Segunda visita, aparecia na revista portuguesa “Arte”, o estudo do prof. Vasconcelos. No ano seguinte ocupava-se também de Balsemão Lampérez y Romea. Em 1919, consagrava Manuel Gomez-Moreno algumas páginas da sua obra “Iglesias Mozárabes” à capela<sup>59</sup>.

Somos assim levados a inserir a origem da paróquia na acção de S. Martinho de Dume mediante a conversão do *sacellum* pagãs em ermida cristã, no século VI, e esta reconstruída em basílica visigótica no século seguinte por obra de um grupo de clérigos desterrados naquele ermo em busca da perfeição evangélica<sup>60</sup>.

Três arcos redondos de cada lado, assentes em colunelos, rematados por capiteis de decoração fitomórfica, constituem a nota mais singular, de discretas sugestões, pré-românicas ou moçárabes, deste santuário obscuro, edificado, segundo alguns, durante a dominação sueva ou visigótica, segundo outros, na era da reconquista, séculos IX e X. A primeira hipótese será a mais digna de crédito. Atribui-se a sua edificação ao domínio do rei sisebuto com fundamentos nos elementos arquitectónicos que subsistem na capela e no facto de haver desse rei documentos numismáticos, com a marca do Lamego. O lançamento, ao mesmo tempo elegante e mesurado, dos referidos seis arcos e as proporções das respectivas colunas de suporte dão realmente uma forte impressão de obra muito antiga e de presumível filiação proto-medieval.

A capela deve ter sido erigida no tempo de sisebuto, não só por o seu domínio ser exercido no século VII, época em que está identificada a construção deste raro exemplar visigótico, como também pela ponderosa circunstância de sisebuto ter batido moeda em Lamego. Foi Vicente Lampérez y Romea que a atribuiu ao século VII. Filipe Simões, Joaquim de Vasconcelos, Manuel Monteiro, Virgílio Correia, Aarão de Lacerda e D. José Pessanha também se ocuparam dela<sup>61</sup>.

Pela planta basilical, latina, curva e larga; pelos elementos que ainda conserva no seu interior; e ainda pela demonstração documental de ter existido um alpendre, naturalmente sobre a porta do lado poente ( a principal ), a igreja de S. Pedro de Balsemão pode seguramente ser datada da segunda metade do século VII<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 22.

<sup>59</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 25.

<sup>60</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. n.º 10, p. 50.

<sup>61</sup> Roteiro ilustrado, p. 78.

<sup>62</sup> DFAlmeida, p.128.

O interior é visigótico do século VII. Foi revelada a sua vetustez depois da visita de Augusto Filipe Simões, Joaquim de Vasconcelos e Alfredo de Andrade<sup>63</sup>.

As lápides romanas, embebidas no paramento exterior, permitem supor ter existido ali ou perto, uma construção do tempo do império. É só no século XIII que se encontram referências a S. Pedro de Balsemão nas inquirições ordenadas por D. Afonso III (1258) delas se conclui estar então a igreja sob a alçada da Sé de Lamego. No tempo de D. Dinis é tratada de Paróquia em 1288 e depois como capela pertencente à freguesia da Sé, em 1310<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> DFAlmaeida, p. 122.

<sup>64</sup> DFAlmeida, p. 123.

# **Anexos**

## *A Arte Sacra desta Capela:*

Por cima do altar do lado do Evangelho, encontra-se uma imagem, atribuída ao século XIV, com a mesma tipologia das vulgarmente designadas por “Nossa Senhora do Ó” ou “Virgem da expectativa”, objecto que foi encomendado pelo Bispo D. Afonso Pires, especialmente para ser colocado no mesmo altar em que hoje se encontra ainda.

Esta e outras representações da Virgem Maria têm como característica apresentarem a Senhora no seu estado de gravidez, antes de dar à luz.

A figura de Nossa Senhora aparece com um ventre tão proeminente, que dificilmente se poderia atribuir-lhe qualquer outro significado que não fosse o da gravidez. Mas o que é facto é que no século XIV, época de execução deste trabalho, realizado em pedra de ançã, as senhoras elegantes tinham uma maneira muito característica de se vestir, que não era apenas uma “moda” mas também um modo de vida e de exibição social: usavam a chamada “linha S”: uma posse elegante que exigia das damas a cabeça baixa, o peito encolhido, o ventre distendido e as pernas recuadas. O requinte da posse ditava mesmo que se pusesse uma das mãos sobre o ventre, para o realçar. A cintura colocava-se logo abaixo do peito, dando deste modo ainda mais volumetria à barriga. Por vezes chegava-se mesmo ao exagero de colocar enchumaços de algodão para lhe dar ainda maior proeminência, parecendo até que todas as mulheres andavam permanentemente grávidas. Deste modo, torna-se verosímil a hipótese de as chamadas “Senhoras do Ó”, serem apenas Nossas Senhoras perfeitamente normais, mas com a particularidade de estarem representadas na posse que, no tempo da sua execução, era considerada a mais elegante e, por isso mesmo, a mais digna de ser atribuída à Virgem<sup>65</sup>.

Existem, na zona circundante de Lamego, outras imagens semelhantes, algumas em calcário ou pedra de ançã, como a de Balsemão, atribuídas à escola de Coimbra<sup>66</sup>, outras em granito policromado.

Para além da imagem da Senhora do Ó, certamente a mais antiga, podem também observar-se nesta pequena capela uma imagem de S. Pedro, de origem recente, que se encontra no altar-mor; e outra de Cristo na cruz, também mais recente, colocada no altar da nave do lado da Epístola. Ambas as imagens estão inseridas num cenário de pinturas que as ladeiam e, de certa forma, as inserem numa cena. O altar em que jaz a referida imagem de Nossa Senhora não apresenta qualquer pintura visível, embora se possam encontrar vestígios de ter existido. A datação das pinturas dos altares não foi apurada.

---

<sup>65</sup> A. H. de Oliveira Marques, “A sociedade Medieval Portuguesa”, 1974, p. 55.

<sup>66</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. n.º 10, p. 622.



## *O Bispo D. Afonso Pires:*

*“Nesta aldêa de balsamaõ jaz enterrado o bispo Dom affonso, que foy bispo do porto, em huua capela que mandou fazer nas casas de seu pai onde naceo. A qual capella he pequena, e muito bem obrada de pedraria, omde está a sua sepultura; e também fez muito bom apousentamento em que viveo, e comprou muitas terras, que anexou à capela, que ora rendem corenta, 50 mil réis; leixou-a mui bem rapairada de vestimentas, e mantos de brocado, e de sêda, ede cález, e de outros ornamentos; e fez hum honrrado testamento, e estatuto pera a dita capella, pera seus erdeiros se regerem.”*

Rui Fernandes, *“Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas”*, in. *Colleccão de Inéditos de Historia Portuguesa*, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, tomo V, págs. 546-612.

D. Afonso Pires nasceu em medelo, nos arredores de Lamego, filho de personagens ilustres da região<sup>67</sup>; o seu pai tinha por nome Afonso Pires e sua mãe Mécia Domingues. Os avós paternos eram Gonçalo Pires e D. Isabel Anes. Os seus três irmãos foram D. Margarida Pires e os Bispos D. Gonçalo e D. Luís (de Lamego e de Viseu, respectivamente). D. Margarida casou com Martim Gonçalves Cochofel e nasceu Gonçalo Martim Cochofel, primeiro morgado de Balsemão, instituído pelo próprio Afonso Pires, seu tio<sup>68</sup>. D. Afonso era sobrinho do Bispo D. Vasco e foi Bispo do Porto no século XIV, sucedendo ao Bispo D. Pedro, mais precisamente entre 1358 e 1372, ano do seu falecimento.

Ocupou aquele cargo durante o reinado de D. Pedro<sup>69</sup> que, ao que parece, lhe tinha grande estima, facto que é apontado pela presença de D. Afonso na declaração pública do monarca acerca da legitimidade do seu casamento com D. Inês de Castro; e pela doação de algumas propriedades no couto da Régua por parte do rei a este prelado.

A vida de D. Afonso terá sido passada nos arredores de Lamego, na Régua e, obviamente, no Porto. No entanto, sabe-se que terá, em altura incerta da sua vida, viajado até à Terra Santa, a fim de visitar o sepulcro do Senhor e as basílicas de S. Pedro (por quem tinha especial devoção) e de São Paulo. Efectivamente, a inscrição embutida na primeira aduela do arco triunfal da Capela de S. Pedro de Balsemão, refere a sua viagem:

---

<sup>67</sup> O seu pai encontra-se sepultado na Sé de Lamego, em campa rasa, da qual consta o seu escudo de armas, aí gravado, com cruces e amieiros. Rodrigo da Cunha, *“Catálogo dos Bispos do Porto”*, 1742, p. 126.

<sup>68</sup> Roteiro ilustrado, p.80. D. Afonso instituiu em Balsemão um morgadio (sendo o seu primeiro morgado o sobrinho, Gonçalo Cochofel) com grande parte dos seus bens. Segundo Rui Fernandes o Bispo terá provido a capela com paramentos de seda e brocado, anexando-lhe várias terras que houvera comprado.

<sup>69</sup> É de notar que foi o próprio D. Pedro que confirmou o seu cargo de Bispo do Porto, em 1359.

*Hic jacet domus Alfon  
So Episcopus Portugalensis qui fecit  
Et conservavit ecclesiam istam et  
Visitavit sepulcrum Domini  
Et basilicas Apostolorum  
Petri et Pauli et de  
Cezit in era MCCCC<sup>70</sup>*

“Aqui jaz D. Afonso, Bispo do Porto, o qual fez e conservou esta igreja e visitou o sepulcro do Senhor, e as basílicas de S. Pedro e S. Paulo. Morreu na era de 1400”. Esta inscrição suscitou algumas dúvidas por parte dos estudiosos, nomeadamente no que diz respeito à data nela apresentada (Era de 1400), correspondente ao ano de Cristo de 1362. Foi aquela referência cronológica interpretada como tendo sido a data da morte do prelado, quando, no entanto, seria a data da reconstrução da capela por ele efectuada. Sabe-se que o Bispo D. Afonso terá falecido dez anos mais tarde, em 1372, como demonstra um texto de 15 de Setembro desse ano, registado no Martirológio da Sé: “Era 1409, 15 Sptember, obiit dommus Alfonsus Portugalensis episcopus Qui mandavit pro suo anniversario quinque libras pero suas heredittes; debet celebrare missas cum omnibus horis mortuorum et dicere Responsum cum aqua benedicta super Martinus Dominici patri plim domni Velascii portugalensis episcopi.”<sup>71</sup>. Nem poderia o prelado ter falecido em 1362, pois em 1366 sabe-se da sua estadia no mosteiro de vairão, onde passou provisão para a erecção de um altar na igreja<sup>72</sup>. Por outro lado, o que foi em tempos interpretado como indicação de que teria sido este prelado a construir a capela de Balsemão, seria tão somente uma referência a um dos períodos de reconstrução desta, levada a cabo por D. Afonso Pires durante a ocupação do cargo de bispo do Porto. É, no entanto, de notar que seria costume dar o nome de “capela”, não ao edifício em geral, mas apenas a uma pequena parte dentro deste, onde se colocava um altar. Existe um documento do Papa Urbano V (1362-1370)<sup>73</sup> autorizando D. Afonso a construir uma capela para sua sepultura “in ecclesia rurali eremitagii uncupati S. Petri de Balsamon.”<sup>74</sup> Neste caso, a inscrição poder-se-à referir à construção de uma das capelas laterais por parte do Bispo, possivelmente a do lado do Evangelho, onde foi colocada a imagem de Nossa Senhora, por ele encomendada. Outra hipótese ainda para a explicação desta inscrição é a simples ignorância de quem a mandou fazer, podendo a pessoa ter um conhecimento errado sobre as origens da igreja, atribuindo a sua fundação ao Bispo homenageado através dessa placa epigráfica. Teria sido o sobrinho de D. Afonso Pires, Gonçalo Cochofel, quem mandou gravar a placa em sua homenagem, por um bom artista em oficina de nome, pois as letras estão bem trabalhadas, e de fora da região devido ao

<sup>70</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p. 124.

<sup>71</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 53.

<sup>72</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 53.

<sup>73</sup> Que vem, de certa forma, confirmar a impossibilidade da data de morte do Bispo D. Afonso Pires ter sido a de 1362.

<sup>74</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. nº 10, p. 50.

material de que é feita a placa: calcário, sendo que a pedra da zona é o granito<sup>75</sup>. De qualquer modo, facto é que não foi o Bispo quem mandou fazer a capela de Balsemão pois as suas origens são bem mais antigas e estão documentadas desde o século XIII.

Refere-se então esta placa às obras que o Bispo aí promoveu e não, como se pensava anteriormente, à sua fundação, que teria tido lugar muito séculos antes. Estas obras foram bastantes importantes para a preservação do monumento e não alteraram significativamente o seu interior.

### *O túmulo de D. Afonso Pires*

Mas o elemento mais importante que se refere a este prelado, presente na Capela de Balsemão, é o seu túmulo, aí colocado por sua vontade, expressa no seu testamento, no qual apela também ao Abade de Salzedas que elegeesse um clérigo honesto para administrar a capela, denotando-se aqui a sua preocupação com esta. Há relatos que demonstram a permanência do Bispo em Portugal entre 1358 e 1371, andando por terras da Régua, Lamego e Balsemão. Em 1371 estava já velho e doente, devido à vida de penitências e privações a que se submetera. Neste ano fez o seu testamento em *Balsamaõ*<sup>76</sup>. Viria a morrer na Régua, algum tempo mais tarde.

O seu sarcófago, de granito da região, rectangular e com estátua jacente mostrando o prelado em posição pontifical, encontra-se na nave central da Capela. Devido ao seu tamanho, desproporcional em relação às dimensões deste pequeno local de culto, e também ao desgaste que apresenta<sup>77</sup>, alguns autores, nomeadamente José Pessanha<sup>78</sup>, apontam para uma localização inicial diferente da que hoje podemos observar. Assim, o túmulo não teria sido projectado para o interior da igreja, mas sim para ser colocado sob um alpendre, frente à entrada principal. Contudo, a decoração lateral que apresenta a arca sepulcral encontra-se perfeitamente talhada de acordo com o local onde, até há bem pouco tempo, estava situado o sepulcro, no interior da capela. Nota-se que ao fundo e na parte superior do lateral esquerdo não existem representações, pois eram estas partes que ficavam cobertas pela parede da divisão da nave central com a capela-mor e da nave do lado do Evangelho com a central, respectivamente. Colocando deste modo o sepulcro, ficava a estátua jacente do Bispo virada para o altar e bastante próxima dele. Neste local, ficando imediatamente abaixo da arca, encontra-se a sepultura rasa de D. Afonso, onde estão depositadas as suas ossadas e gravado o seu escudo de armas, com amieiros e cruces. Presentemente, o túmulo encontra-se ao centro da nave central, desviado para o topo Poente desta. De um dos lados maiores apresenta a arca sepulcral uma escultura representando a descida de Cristo da cruz, do lado oposto existe uma representação dos Apóstolos, enquadrados em arcarias.

---

<sup>75</sup> D. Fernando António de Almeida, cit. nº 25, p. 124

<sup>76</sup> Catálogo dos bispos, p. 129.

<sup>77</sup> Quiçá devido a uma sujeição aos agentes atmosféricos.

<sup>78</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. nº 24, p.10.

Na cabeceira vê-se ainda a imagem da coroação de Maria, ainda que muito deteriorada. Notam-se restos de pintura nas representações. Todo o conjunto denota pouca preocupação estética, apresenta-se rude e simples, talvez até um pouco austero.

Os sarcófagos, de um modo geral, sempre tiveram a forma de arcas, trapezoidais, alongadas – até ao século XV – ou rectangulares, a partir da centúria de quatrocentos<sup>79</sup>. Nota-se assim uma ligeira variação da arca, termo que não se poderá aplicar à variação da tampa desta, que foi certamente muito mais acentuada. Deste modo, nos primeiros séculos da Idade Média os túmulos tinham uma tampa plana, bem singela; depois vemos aparecer um tipo de sepulcro com tampa de duas águas, semelhante a um telhado simples; mais tarde, constroem-se arcas tumulares com tampas que apresentavam três planos – direitas em cima mas oblíquas dos lados<sup>80</sup>.

A maioria das arcas tumulares não assenta directamente sobre o chão, mas sim sobre pequenos suportes que podem ter formas geométricas, de animais ou mesmo humanas, sendo os segundos os mais comuns durante a Idade Média. É o caso do túmulo de D. Afonso Pires, que se apresenta colocado sobre cinco suportes em forma de leão, alguns deles representando ainda outras figuras para além destas – uma criança (?) e um porco (?)<sup>81</sup>. O leão representa a força, a magestade, a coragem, a ressurreição; um dos quatro animais que aparecem na profecia de Ezequiel. Contraposto com os outros três, representa a Terra, o oposto terrestre da águia no céu<sup>82</sup>. O leão era em tempos primitivos identificado com o Sol e o sobrenatural e/ou religioso, crença que também foi admitida na Idade Média, mantendo-se este animal como símbolo religioso até à actualidade. É portanto usado como símbolo de Cristo, da sua força e poder para salvar os cristãos<sup>83</sup>. Era crença medieval de que o leão dormia com os olhos abertos, daí que seja também visto como um animal de vigilância<sup>84</sup>, acompanhando o defunto na morte e vigiando os seus restos mortais. É ao mesmo tempo monstro devorador dos infiéis e vigilante dos crentes na vida eterna, por isso aceite como símbolo da ressurreição. Guarda as portas do “outro mundo”, protegendo os “bons” e castigando os “maus”<sup>85</sup>. O porco poderá ser considerado como símbolo do judeísmo, dos desejos impuros, do amoral e perverso<sup>86</sup>, da gula, da avareza, dos pecados da carne, do pecado em geral<sup>87</sup>. A figura de porco representada num dos suportes do túmulo aparece subjugada ao leão, provavelmente uma alegoria ao poder de Cristo sobre os pecadores. O mesmo acontecerá com a criança, ou a figura humana, representada noutro

---

<sup>79</sup> 3 túmulos, p. 22.

<sup>80</sup> 3 túmulos, p. 23.

<sup>81</sup> Ao que parece será uma criança (ou pelo menos uma figura humana) e uma figura animal, semelhante a um porco. Contudo, as representações são bastante rudes e imperfeitas, o que poderá dar lugar a dúvidas e diferentes interpretações.

<sup>82</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit. n.º 28, p. 279.

<sup>83</sup> Cooper, p. 104.

<sup>84</sup> George Ferguson, cit. n.º 20, p. 21.

<sup>85</sup> Bestiário.

<sup>86</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit. n.º 28, p. 132.

<sup>87</sup> Cooper, p.95.

suporte, desta feita, não apenas subjugada, mas, ao que parece, a ser devorada pelo leão: muito provavelmente figurando o poder de Cristo sobre os infiéis ou realçando a figura do leão como vigilante e juiz, devorando os pecadores. A criança é encarada geralmente como símbolo do futuro e na iconografia cristã surge com frequência na qualidade de anjo<sup>88</sup>, o que não será o caso nesta representação. No entanto, também os anjos tomam parte desta obra: encontram-se à cabeceira, ladeando o corpo do Bispo. Aos pés deste, podemos observar dois cães, fiéis companheiros, protegendo-o na vida e na morte.

A decoração deste túmulo encontra-se vulgarizada em muitos outros sepulcros da mesma época que, pela sua numerosidade (caindo em erro de dar mais preponderância a uns do que a outros), não valerá a pena aqui descrever. Posso no entanto referir aqueles que mais se destacam, como sejam os túmulos da Infanta Isabel, neta da Rainha D. Isabel de Aragão, o da própria Rainha Santa, o do Arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, o do Museu de Santarém e o de Fernão Mendes de Goes<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Juan-Eduardo Cirlot, cit. n.º 28, p. 331.

<sup>89</sup> 3 túmulos, p. 36.

## *A família Pinto:*

A família Pinto foi uma das grandes famílias moradoras em Balsemão, à qual pertenciam os morgados daquela localidade. Uma segunda versão da história de família do Bispo D. Afonso Pires e da constituição do morgadio (que se contrapõe àquela que foi já apresentada), refere que a irmã do Bispo seria D. Aldonsa Martins, que havia casado com Fernando Afonso de Oliveira, que, após enviuar, terá contraído segundas núpcias com Álvaro Pinto. Deste matrimónio terá nascido Gonçalo Martins Pinto, primeiro morgado e administrador do vínculo de Balsemão, que casou com D. Leonor Pinto, filha de Gonçalo Vaz Pinto, senhor de Ferreiros de Tendais. Tiveram Álvaro Pinto, segundo morgado de Balsemão, e Rui Vaz Pinto Henriques<sup>90</sup>. Seja qual for a árvore genealógica de D. Afonso Pires, a verdade é que o morgadio de Balsemão pertenceu sempre à família Pinto, que edificou o solar que se encontra actualmente, e desde o século XVII, anexado ao pequeno templo.

De facto, uma das grandes reconstruções da capela de S. Pedro de Balsemão, documentada por uma lápide epigráfica que se encontra embutida na parede exterior da nave lateral esquerda, foi levada a cabo por Luís Pinto de Sousa Coutinho e sua mulher, D. Catarina de Carvalho, em 1643. Nessa reconstrução, a fachada Poente da capela ficou completamente destruída, devido ao prolongamento da ala Ocidental do solar, modificando-se também o seu exterior. Completamente destruído teria ficado também a capela mandada construir por D. Afonso Pires para sua sepultura, quiçá devido à necessidade de espaço para a adaptação dos altares em talha que ali foram colocados nesta altura<sup>91</sup>. Para além dos altares laterais em talha, também o altar-mor foi remodelado, introduzindo-se um altar barroco que chegou ao ponto de provocar o acrescento do arco triunfal com vista a obter maior altura para possibilitar uma melhor visão do altar barroco que aí se havia colocado. Também desta reconstrução datam os capiteis do lado esquerdo, claramente mais recentes que os restantes, mandados fazer por Luís Pinto para substituir outros mais antigos que estivessem danificados, imitando-os.

Diz-se também que em meados do século XVI, Álvaro Pinto de Fonseca terá feito obras de conservação no edifício. Se assim fosse, teria dotado o pequeno tempo de abóbada de cantaria, a qual envergaria o seu escudo de armas. Teria também erigido o sepulcro onde se vê gravada a seguinte frase: "*Aqui jaz Álvaro Pinto de Fonseca, fidalgo da casa D'El Rey morgado de Balsemão e sua mulher Violante Borges de Távora e seus pays e avós, o qual fez esta capella e a dotou de missa quotidiana, na. 1562*"<sup>92</sup>.

Finalmente, o solar foi alienado pelo último Visconde de Balsemão, e os proprietários seguintes, por mais de uma vez tentaram efectivar o seu direito à posse da capela, alegando que ela seria pertença do solar que haviam

---

<sup>90</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. n.º 10, p. 54.

<sup>91</sup> Roteiro ilustrado, p. 80.

<sup>92</sup> M. Gonçalves da Costa, cit. n.º 10, p. 48.

adquirido, tendo até comunicação com ela. Consta que o proprietário do solar tentou vedar ao povo da localidade de Balsemão o acesso à capela vedando a porta. O usufruto do templo terá sido restabelecido novamente pelo povo, de forma violenta<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> José Maria da Silva Pessanha, cit. n.º 24, p. 24.